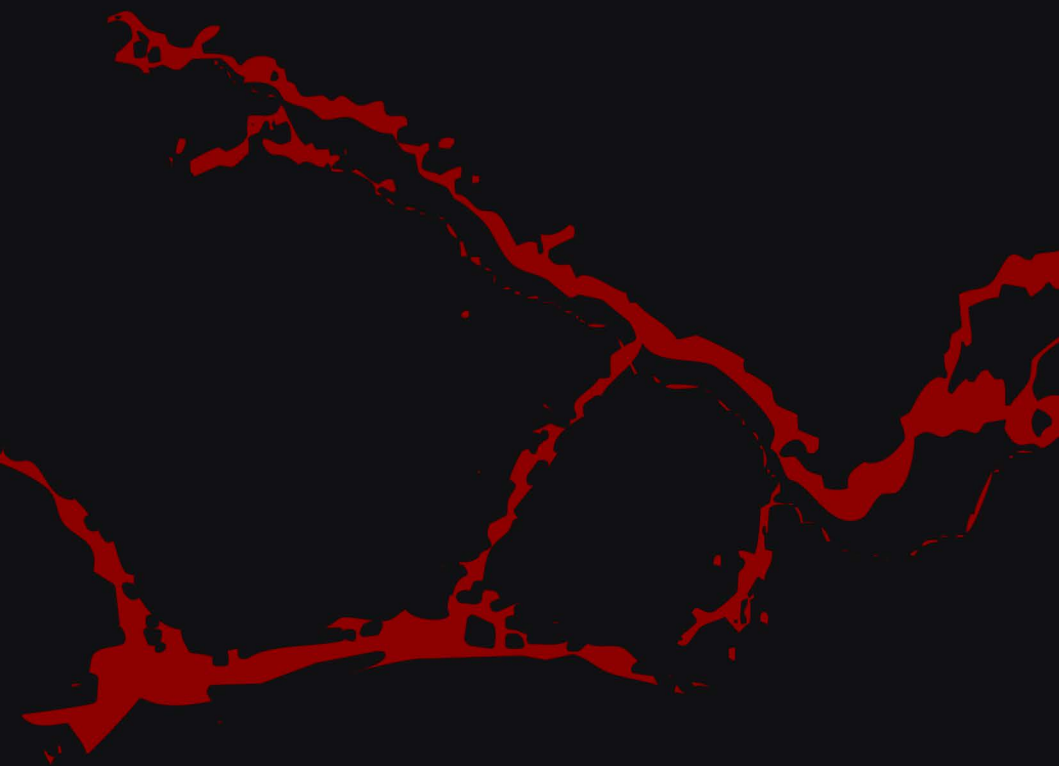


Teoria crítica, crise e utopia

em tempos de barbárie



CÍRCULO
DE GIZ

Teoria crítica, crise e utopia em tempos de barbárie

2ª edição
2025





Círculo de Giz Editorial

Rio de Janeiro, RJ

www.circulodegiz.org/editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teoria crítica, crise e utopia em tempos de
barbárie / organização Diogo Cesar Nunes. --
2. ed. -- Rio de Janeiro : Círculo de Giz,
2025.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-997182-5-0

1. Capitalismo 2. Crise (Filosofia) 3. Filosofia
social 4. Teoria crítica 5. Utopia I. Nunes, Diogo
Cesar.

25-278214

CDD-300.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Barbárie e civilização : Filosofia social 300.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Preparação e revisão: Diogo C. Nunes, Jaqueline Paiva, Marcelo Fonseca e Mariana Barbosa.
Edição e projeto gráfico: Diogo C. Nunes.



Proibida a reprodução para fins comerciais.

Teoria crítica, crise e utopia em tempos de barbárie é licenciada sob **Creative Commons Attribution-Non-Commercial 4.0 International**. Reproduções não comerciais podem ser feitas contanto que referenciados os autores. Para conhecer a licença, acesse: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Porque é preciso...

Não morrer antes de morrer.

Não parar de sonhar,
como se fosse possível,
como se houvesse um amanhã,
como se cada manhã promettesse
uma noite de estrelas.

Jorge Coelho Soares

Sumário

- 08 **Advertência**
Leopoldo Guilherme Pio
- 09 **Apresentação à 2ª edição**
Diogo Cesar Nunes
- 10 **Prefácio: um encontro memorável**
Ariane P. Ewald
- 13 **Crítica, crise e utopia: o intelectual em tempos de barbárie**
Jorge Coelho Soares
- 30 **O engajamento pelos olhares de Siegfried Kracauer, Walter Benjamin e Jean-Paul Sartre**
Rodolfo Rodrigues de Souza
- 45 **Como tornar possíveis morangos, apesar do mofo?**
Potências da narrativa literária-testemunhal em meio aos choques do nosso tempo
Sthefany Lacerda da Silva; Karine Shamash Szuchman; Giovana Fagundes Luczinski
- 61 **Algumas peculiaridades da memória social à brasileira: esboço crítico**
Wallace da Costa Brito
- 72 **O melancólico empreendedor de si mesmo: racionalidade neoliberal e sofrimento psíquico**
Flávia Laís Machado Moura; Cláudia Henschel de Lima
- 93 **Uma ressignificação da ética das relações: sobre narrativas subjetivas e movimentos socioeconômicos alternativos atuais**
Lina Raquel de Oliveira Marinho

- 108 **Crítica de los conceptos en la construcción de lo humano**
Teodoro Lecman
- 118 **A distopia impossível: sonhos e ficções em tempos de desesperança**
Diogo C. Nunes
- 130 **Máxima heteronomia: reflexões a partir da vida coachificada**
Leomir Cardoso Hilário
- 143 **Sobre a técnica e o falatório do cibernundo: dois ensaios**
Marcelo Fonseca
- 149 **Sobre os autores**

Advertência

Atenção! A coletânea que você tem em mãos é uma espécie de freio de emergência que quer paralisar a locomotiva da história, que tem acumulado em seus vagões tantas violências, tantas barbáries. As ideias aqui presentes talvez sejam uma outra locomotiva em direção oposta, visando explodir a continuidade de uma era tão atual, mas tão pouco contemporânea...

Trata-se de reagir a uma constelação de perigos que nos ameaçam: a desinformação planejada, os genocídios, o apagamento do patrimônio cultural, o silenciamento das minorias, entre outros. Não é apenas o vento do progresso que nos impede de ver a magnitude da violência naturalizada que caracteriza a cultura política contemporânea, mas igualmente a tempestade de reacionarismos que tem impregnado os discursos na atualidade. Mas é na crítica que é possível encontrar os critérios para encarar de frente as crises. Se, por um lado, ter esperança é ir além da capacidade de reagir àquilo parece não ter saída, esperar, dizia Paulo Freire, é agir e não desistir.

As utopias podem se fazer a cada segundo. Precisamos converter o sentimento de luto em luta, os escombros do presente em barricadas, tristezas e tragédias em potência do pensamento.

Leopoldo Guilherme Pio

Professor adjunto do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Apresentação à 2ª edição

Entre 2018 e 2022, o ar era mais denso e raro. Em muitos de nós, se instaurava a certeza de que havíamos ultrapassado certa linha, uma fronteira talvez, que não permitia mais retorno. Era preciso encontrar meios de sobreviver, de elaborar lutos impossíveis, de viver “como se houvesse um amanhã”.

Publicado originalmente após as eleições de 2022, este livro é como um testemunho do que fora aquele período, de chegada da extrema-direita ao Palácio do Planalto, de pandemia, de mundos que desabavam. Mas ele é, ao mesmo tempo, marca de uma insistência, de uma esperança vaga-lume, que tem forma exemplar no que foi para nós o *Colóquio crítica, crise e utopia*, realizado em homenagem a Jorge Coelho, em outubro de 2018. A fala de Jorge naquele encontro, *O intelectual em tempos de barbárie*, aqui abre o livro, tal como havia feito, a dois dias das eleições, ao que então se seguiria: orientando uma leitura crítica, porém serena, da nossa realidade, sem transigir com a exigência de que é preciso “pensar outras possibilidades de ser e de existir”.

Cinco anos após à declaração, pela OMS, do estado de pandemia, este livro ganha nova edição, revisada e com novo projeto gráfico, por muitos motivos. A começar pelo fato de que, coletivamente, não superamos o que foi vivido – sobretudo perdido – naquele período. Não há mundo ao qual retornar, e o que se vislumbra como futuro diante de nós, prefaciado pelo genocídio palestino promovido pelo sionismo em Gaza, é ainda mais tenebroso. Que este livro possa ajudar não somente a compreender o que vivemos, mas a enfrentar o que está vindo.

Diogo C. Nunes

Editor da Círculo de Giz Editorial.

Prefácio:

um encontro memorável

Em outubro de 2018 eu já estava próxima da minha aposentadoria. Faltava em torno de um ano, pelo meu planejamento, para encerrar minhas atividades na UERJ, que vim reduzindo ao longo dos últimos 3 anos. Foi com uma imensa alegria que recebi a proposta, alguns meses antes, da realização de um evento-homenagem-surpresa ao professor Jorge Coelho Soares, que havia aposentado em 2012 da UERJ.

A ideia surgiu no grupo de seus antigos orientandos de pós-graduação, que continuam, até hoje, com um vínculo muito especial com ele. Não sabia ele que tratava-se de uma homenagem-surpresa, especialmente organizada para celebrar uma belíssima trajetória, que ainda está em curso, totalmente voltada para o ensino público por quase meio século. Movido pelas inquietações que atravessam a vida, a política, e as grandes questões da nossa existência individual e social, ele escreveu o que nomeio de um texto-convite para o evento, e que se encontra publicado neste livro.

O evento, *Colóquio Crítica, Crise e utopia*, com o tema *O intelectual em tempos de barbárie*, aconteceu exatamente dois dias antes das eleições para a presidência do Brasil, momento mobilizador da nossa vida política e cheio de tensões pela polarização criada durante aquele ano. Estávamos ainda no primeiro turno e tínhamos alguma esperança. O evento teve a presença de grandes amigos professores, ex-orientandos e alunos. Na mesa, estavam dois desses grandes amigos, a prof.a Maria de Fátima Severiano (UFC) e o prof. Marildo Menegat (UFRJ). O auditório da Reitoria se encheu rapidamente e entre abraços e saudações de todos os tipos, vimos uma equipe super bem formada de recepção montada pelos organizadores do evento, um cenário com banners que tinham uma bela fotografia do professor Jorge Coelho, além de um delicioso café, gostosuras e presentes para nossos livros – um belíssimo marcador, absolutamente singular, com o nome do evento e uma refle-

xão deste professor tão querido por todos. A frase escolhida pelos organizadores para marcar aquele momento reflete seu modo de ser, como professor e como pessoa:

[...] existem sempre linhas de fuga e formas de resistência que podem se desvelar por um novo olhar que se volte apaixonadamente para fora de si e que dê uma oportunidade ao acaso, ao inesperado, em um exercício permanente de “flânerie” amorosa com o mundo.

Esse seu olhar apaixonado pelo mundo e sempre movido por uma curiosidade atávica pelo conhecimento acabou gerando uma série de micro-poemas de resistência intitulada “*Porque é preciso*”, necessariamente surgidos logo após o segundo turno das eleições, quando percebemos que nosso país iria sofrer retrocessos em áreas significativas, especialmente educação e saúde. Mal sabíamos nós que 2019 traria também uma epidemia mundial que mudaria nossa forma de lidar com o mundo e as pessoas a nossa volta, que teríamos que usar máscaras e descontaminar tudo o que tocávamos, além de viver em isolamento o maior tempo que podíamos. Mas naquele momento, em outubro de 2018, ainda podíamos nos abraçar e desfrutar da presença de amigos, celebrar a vida, as amizades, e ter esperança.

Evocar estas memórias, cheias de uma gentileza intelectual inigualável que sempre caracterizaram a trajetória deste professor-tor-neiro, como ele aprecia ser chamado, é colocar em cena este livro com os textos daqueles que, de alguma forma, estiveram ligados a este professor. Se o evento ficou na memória daqueles que ali estiveram presentes, o livro alcança um outro público, para além do evento, para além da homenagem, e continua questionando o “intelectual em tempos de barbárie”. Mostra um mundo possível, apesar de... Talvez este também seja o papel do intelectual em tempos como o que vivemos nestes últimos três anos, em meio a barbárie política, a barbárie da saúde e a barbárie da educação; refletir criticamente sobre a realidade, sobre o mundo que nos circunda, sobre o que fazemos com este mundo, sobre nossas escolhas nesse mundo, sobre as escolhas possíveis propriamente ditas, sobre ser feliz ainda que..., sobre fazer coisas do cotidiano “porque é preciso”..., sobre aprender a resistir ao cansaço, à frustração, à perda, ao luto, ao desespero, a tudo isso que vivemos nestes últimos anos. Carregaremos conosco a marca deste momento, como uma das Grandes Guerras, pois o número mundial de mortos pela pandemia de COVID-19 é

avassalador. E ainda não terminou. As crianças dessa geração do mundo pandêmico terão a marca do isolamento, serão constantemente lembradas, pelas pessoas mais próximas, o quanto foi perdido ou ficou estagnado, o sofrimento de acompanhar a perda do seu sustento, seu trabalho, seu emprego; assistir de longe a perda de seu parente, mãe, pai, tio, avô, avó, irmão, irmã, amigos, velar de longe e não poder se despedir. Vamos lembrar as crueldades feitas pelos incompetentes que, pela ganância de toda ordem, deixaram que milhares de pessoas morressem. As novas gerações não podem esquecer quem foram estas pessoas e devem ser constantemente lembradas do que todos nós passamos.

A barbárie ainda nos rodeia e está à espreita. É preciso manter a guarda, estar alerta aos mais ínfimos sinais pois só assim teremos como “criar linhas de fuga e formas de resistência”, como ensina Jorge Coelho, que possam afrontar a barbárie e permitir que um novo horizonte se desvele diante de nós. Portanto, é preciso resistir, “Porque é preciso...”.

Deixo aqui registrada a homenagem que li naquele dia memorável ao professor Jorge Coelho Soares, a quem sempre pude observar em ação durante longos anos, através de um autor, Jean Giono, que em seu livro *O homem que plantava árvores*, mantém viva a esperança no ser humano, mesmo que em forma de fantasia:

Para que o caráter de um ser humano desvende qualidades realmente excepcionais, é preciso ter a boa sorte de poder observá-lo em ação durante longos anos. Se essa ação é despida de todo egoísmo, se o espírito que a orienta é de uma generosidade sem igual, se é absolutamente certo que ela não buscou recompensa nenhuma e que, além do mais, deixou marcas visíveis neste mundo, então estamos, sem sombra de dúvida, diante de um caráter inesquecível.

Ariane P. Ewald

Professora aposentada do instituto de Psicologia da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), instituição à qual esteve vinculada nestes últimos 30 anos, atuando na graduação, pós-graduação, pesquisa, estágio e extensão.

Crítica, crise e utopia: o intelectual em tempos de barbárie

Jorge Coelho Soares

Este não é propriamente um artigo, no sentido estrito e acadêmico. Eu o concebi mais como apontamentos para uma aula ou palestra, como um ensaio esboçado em permanente construção. Os autores citados, vindos de várias áreas de saber, foram escolhidos segundo meu arbítrio pessoal, pelo qual sou inteiramente responsável. Constituem o que considero uma “boa vizinhança” para efeito de minhas reflexões e a maioria já me acompanha há muito tempo. Gosto de pensar que, mesmo havendo divergências entre eles e tendo sua forma peculiar de se expressar, revelam estar caminhando na mesma direção das minhas inquietações. E isto me basta para aceitá-los como companheiros de viagem.

(I)

Preciso, inicialmente, esclarecer dois pontos na construção da minha reflexão sobre o tema.

1º ponto: Apesar da multiplicidade de influências sobre o meu refletir, que inclui autores das Ciências humanas e sociais, bem como da Filosofia, com ênfase nos frankfurtianos, incluo, sem nenhum constrangimento e dou a eles igual peso, os que vêm a mim pela Literatura, pela Poesia e pelo cinema. Creio, porém, que, neste momento de minha vida, a reflexão de Hannah Arendt exerce um encanto crescente sobre meu pensar. Ela sempre pairou sobre meu pensar crítico, mas agora parece que decidiu dialogar seriamente comigo e eu a ouço com uma atenção quase reverente. Quer pela sua lucidez quer pela capacidade de iluminar a crise do nosso tempo, ela certamente poderia ser chamada de “grande pensadora da crise”, um pensar que nela emanou da sua vida vivida.

2º ponto: Em mim, toda reflexão começa como uma grande inquietação, cheia de tentáculos, e não como um fluxo contínuo/sistemático e organizado. Aos poucos, vai se tornando uma colagem de

fragmentos do pensar de muitos autores e pessoas vivas ou mortas, com quem gosto de me imaginar dialogando. É como no *Hamlet* de Shakespeare, uma loucura com método. São os meus fragmentos errantes, nômades, mas insones, que me levam a refletir continuamente sobre as minhas inquietações.

Como a função do intelectual na sociedade contemporânea me interessa há muito tempo, há vários destes fragmentos ainda ressoando dentro de mim.

Em tempo de grave crise, como agora, o primeiro deles vem de Goethe. Em 1806, para punir o apoio de Weimar à Prússia, Napoleão autorizou o saque à cidade, o que gerou uma tragédia humanitária que envolveu a todos que ali residiam. Nesta cidade morava Goethe, que se orgulhava de ter conseguido manter afastado de si tudo que lhe fosse estranho, irritante ou perturbador. Diante desta desgraça que o envolvera, declarou: “Eu gostaria de estar fora disso tudo, mas o lado de fora não existe” (apud Safranski, 2011, p. 153).

O segundo fragmento vem de Martin Luther King, que em meio à luta pelos direitos civis e pouco tempo antes de ser assassinado, afirmou em um discurso: “O que mais me preocupa não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética. O que mais me preocupa é o silêncio dos bons”.

O terceiro fragmento me veio sob a forma de uma pequena história recente, contada pelo nosso grande pianista Arnaldo Cohen. Em 1981, um ano antes de falecer, o também pianista austríaco Bruno Seidlhofer telefonou para Cohen e contou que, no dia anterior, tinha ouvido uma peça de Beethoven com uma interpretação “perfeita” do início ao fim, sem qualquer erro ou mesmo hesitações, tão maravilhosa como nunca mais iria ouvir na vida. E Arnaldo Cohen, curiosíssimo, lhe pergunta: “Quem estava tocando?”. O amigo austríaco respondeu rindo: “Na verdade *eu* estava lendo a partitura” (Seidlhofer, 2011).

Associo de imediato esta história à Timothy James Clark, historiador inglês que no seu pequeno ensaio *Por uma esquerda sem futuro*, começa seu texto afirmando: “Os intelectuais de esquerda, como a maioria dos intelectuais, não são bons políticos; especialmente se entendermos por política [...] os detalhes mezinhas, o trabalho sem lustro e sem brilho da performance” (Clark, 2013, p. 17).

Pelo que se pode observar historicamente, os intelectuais de direita e principalmente os de ultra-direita, que se movem agilmente numa nebulosa fascista, têm melhores chances de se tornarem “bons políticos”. Isto se pensarmos “bons” no sentido de eficientes e se

considerarmos que se dedicam, sob a égide de uma razão instrumental e unidimensionalizada, aos seus objetivos ideológicos. E ao fazê-lo, ignoram, sem qualquer pudor ou constrangimento, as demandas da oposição advindas da dinâmica democrática que permitiu que chegassem ao poder, e que passam então a solapar em seus alicerces.

Já os intelectuais que se engajam na vida política, vindos do amplo espectro da esquerda, enfrentarão outros tipos de dificuldade. É isto é particularmente o que acontece com os que se identificam firmemente com o ideário de uma lógica democrática, de respeito ao contraditório de ideias que emerge de uma oposição percebida como adversário a ser convencido e não como inimigo a ser extinto. Nestes, porém, pode surgir um hiato nesta passagem, do mundo das ideias para o mundo de uma realidade social concreta, dos ideais para a consecução prática e objetiva destes mesmos ideais. E isto foi muito bem assinalado por Enzo Traverso, historiador italiano, que numa entrevista em 2018 ponderou, como intelectual de esquerda que é, que aos de esquerda não falta um pensamento crítico, mas um pensamento *efetivamente* crítico, capaz de dar conta da crise e da crítica, que vá na direção de um movimento social orientado para uma mudança político social e que chegue ao poder e lá se mantenha sem perder esta visada que norteou sua caminhada política até ali.

Constatei, muitas vezes na minha prática de vida, que o imaginário acabava neles predominando: eles devem ser assim, devem sofrer deste modo, se organizar socialmente da maneira que eu imagino; ou seja, no plano imaginário destes intelectuais, a partitura poderia ser interpretada com perfeição, dando vida à sua *cama de Procusto* particular na direção do que Leandro Konder, marxista lúcido e respeitado por todos, denunciava como “muralha da doutrina”:

Visto da muralha da doutrina, o campo de batalha se reduz a uma confirmação permanente das “verdades” doutrinárias. Só que se trata de pura ilusão. O doutrinador impressiona a seus ouvintes, não pelo rigor da reflexão, mas pela certeza subjetiva que ele tem antes mesmo de refletir. Sua convicção é tão compacta que parece eliminar todas as dúvidas e com elas é eliminada também a inteligência (Konder, 2003).

É neste momento que deixamos de ser intelectuais em busca da verdade e corremos o risco de nos tornarmos intelectuais que incorporam o papel principal do conto de Pirandello¹, *O mundo de*

papel. Neste conto, um homem cuja essência de viver consistia em ler, vivia só, recluso, com seus livros que havia lido e relido. Tendo perdido a visão, contrata quem os leia de novo para ele. Nunca fica satisfeito com a leitura, pois a voz da outra pessoa modifica a memória que tinha dos textos. Para ele, qualquer alteração desta memória idiossincrática, que construiu para si mesmo a partir de sua leitura criando um mundo a partir do papel escrito, é uma heresia intolerável. O mundo deve permanecer exatamente tal como ele o construiu dentro de si, ou então mergulhará num desespero absoluto.

Meu último fragmento sobrevive em mim também como uma pequena história, que é contada como parte das memórias de Stella Adler², fundadora do Stella Adler Conservatory. Numa de suas turmas de preparação de atores, sugeriu um exercício: os atores deveriam agir como se fossem galinhas que acabaram de receber a notícia de que uma bomba atômica seria jogada sobre elas. Todos começaram a correr em círculos como se estivessem em pânico, cacarejando, exceto Marlon Brando, aluno desta turma. Ele agachou-se tranquilamente. Quando questionado por ela se havia compreendido o exercício, respondeu que sim, que estava agachado para colocar um ovo e completou: afinal, o que as galinhas sabem sobre uma bomba atômica?

Esta história me fez perguntar se a incapacidade de compreender a dimensão de uma tragédia que se avizinha – no nosso caso, em curso –, gerando inércia no pensar e no agir, advém somente do desconhecimento, do não saber, o que justificaria plenamente o alheamento. O mundo se dividiria, então, entre os que sabem e se preocupam e os que não sabem ou que não sabem ainda, sendo nossa tarefa primordial “esclarecê-los”, tal como acreditavam os iluministas radicais do século XVIII?

Como justificar nos dias de hoje que tantos vivam uma vida de completa alienação, uma vida danificada, pontuada por ilusões daquilo que lhes seria fundamental para que percebessem a dinâmica que os move em torno de valores que não lhes criam sentido em suas existências? Que informação lhes falta, com a profusão das novas mídias, para que percebam que suas vidas estão em rota de colisão com a própria vida, plena de possibilidades, agora reduzida ao consumo de bens e de si mesmo? Como tantos se deixaram levar por um “Discurso de servidão voluntária”³ e acabaram parando na bacia das almas, lugar dos que já tiveram tanto a perder e agora já têm tão pouco a oferecer de si mesmos? Que “esclarecimentos” lhes foram subtraídos para que não pudessem perceber que suas vidas fragili-

zadas, fragmentadas, são fruto direto principalmente da precariedade do mundo do trabalho, reduzidos a uma lógica do cálculo, de perdas e ganhos financeiros, mas desprovido de alma e sentido? Esclarecimentos que lhes poderiam fazer perceber que estão no exato ponto de ruptura entre um passado que não passou e um futuro distante que ainda não chegou, presos num eterno presente, num limbo petrificado de uma história que continua se movendo e os ignora completamente. Vistos por ela como a parte da humanidade descartável, como danos colaterais perfeitamente aceitáveis de um sistema econômico que sabe possuir um grande exército de reserva que pode ser convocado, consumido e descartado, abrindo caminho para que outros preencham seu lugar. Semelhante ao que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, em que o custo de mão-de-obra tendia a zero, já que sempre havia mais prisioneiros vindo dos campos de concentração para serem usados nas fábricas alemãs como a Siemens, BMW, a Daimler-Benz e a Volkswagen. Uma vida também imersa num tipo doloroso de solidão que advém do sentir que os outros a sua volta pensam, agem e vivem de uma maneira diferente da sua e que a sua diferença “é uma diferença que não faz diferença” (Dunker, 2017, p. 31).

(II)

Heinrich Heine, grande amigo de Marx, o mesmo que afirmou que “onde livros são queimados os homens acabam sendo queimados também”, nos lembra também em seu texto *A verdade e os atos*: “É terrível quando corpos que criamos vêm a nós exigindo uma alma” (Heine, 1967). E essas pessoas, em busca de quem lhes dê uma alma que justifique suas existências, também acabam formando a maior parte do que Hannah Arendt chamava de “os indiferentes”, que se afastam completamente do mundo da política. Mundo este que lhes parece hostil, que não se interessa em representá-los, nem resolve suas necessidades mais prementes e tende mesmo a ignorá-los, vendo-os “como apáticos ou estúpidos” (Arendt, 1998, p. 361-352).

Porém, surpreendentemente, eles foram descobertos pelos movimentos totalitários, ou de clara feição autoritária, como portadores de uma grande força política. Estes movimentos “demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente construir a maioria num país de governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas apenas por uma minoria” (Ibid., p. 362).

Lançados dentro do mundo da política, são completamente incapazes de perceber o “tempo e as regras da ação política”. Acreditando que todas as mudanças exigem apenas a apresentação de suas “inquestionáveis verdades”, se lançam excitadamente no ativismo político⁴, hoje potencializado pela irresponsabilidade virtual das redes sociais. Acreditando no fim instantâneo de todas as mazelas sociais e percebendo que a realidade não cede nem se move desta forma, tendem a recrudescer a violência do seu ativismo político e ao rechaço cada vez mais intenso dos que consideram não como “adversários”, mas como “seus inimigos”, vistos, então, como os culpados do fracasso de seus planos.

Creio que aqui podemos fazer uma inflexão em minhas reflexões e colocar as questões essenciais que me moveram primeiro a fazer as digressões iniciais. Diante das condições históricas concretas de nosso país neste momento, em franco processo de demenciação autoritária, e frente ao que poderá vir a ser agora, quando a noite já é perfeitamente intuída e as zonas de penumbra já se fazem sentir em toda parte:

1. Como pensar de forma crítica, se as próprias condições de pensar vão desaparecendo?

2. Nestas circunstâncias, o que é um pensamento em crise, a ser transformado num pensamento crítico?

3. Em que lugar, nós intelectuais, devemos nos colocar quando tentamos construir um pensamento crítico de resistência ao “não pensar”?

Vou, então, endossar plenamente a reflexão de Ítalo Calvino, quando, em *Cidades Invisíveis*, coloca na voz de Marco Polo a resposta que será dada à Kublai Khan:

Sim, o Império está doente e o que é pior, procura habituar-se às suas doenças. O propósito de minhas explorações [e das reflexões que faço aqui] é o seguinte: examinando minuciosamente os vestígios de felicidade que ainda se entreveem, medir o grau de penúria. Para descobrir quanta escuridão existe em torno, é preciso concentrar o olhar nas luzes fracas e distantes (Calvino, 1998, p. 57).

Não podemos esperar que esta iluminação, como nos alerta Hannah Arendt, venha das teorias ou dos homens que as defendem; mas que ela venha de alguns homens e mulheres que “nas suas vidas e obras conseguem produzir uma luz incerta, bruxuleante e frequentemente

fraca, mas que neles brilha em todas as circunstâncias em que construíram sua passagem pela terra” (Arendt, 1987, p. 9).

(III)

Creio que podemos agora sugerir alguns balizamentos iniciais em direção à construção de *uma Epistemologia crítica* que dê conta de um mundo em crise.

1º) Reconhecer que qualquer saber que venhamos a produzir sempre se dará no intervalo entre o Passado e o Futuro.

René Char, poeta amigo de Albert Camus e admirado por Hannah Arendt, escreveu este aforismo bem no meio da Segunda Guerra Mundial: “Nossa herança nos foi deixada sem testamento algum” (Char, 2007, p. 25).

Num país como o nosso, que não tem o hábito de cultivar suas memórias, principalmente as memórias da dor, acaba-se por não se conseguir construir e consolidar uma tradição que mereça ser respeitada por todos. Ela poderia ser a parte fundamental deste testamento, que selecionaria e nomearia o que seria necessário preservar como valores para construir o futuro.

Anos depois, um outro aforismo de René Char (1995, p. 12) ajuda a desdobrar o sentido do citado anteriormente: “Só podemos viver no entreaberto, exatamente sobre a linha hermética de partilha da sombra”.

É, portanto, neste *entre* que construímos nossa reflexão. Espaço de angústia e indecisão porque nele reside o não pensado ainda, espaço “que reúne e recolhe, que contém em si o recomeço”⁵. Estamos sempre na soleira do tempo, como no poema do Kavafis, *Círios*:

Os dias do futuro se erguem a nossa frente
Como círios acesos,
em fileiras – Círios
dourados, cálidos e
vivos
Os dias idos
ficaram para trás
Triste fila de círios apagados
Os mais
próximos ainda
fumaceiam,
Círios pensos e frios e derretidos (Kavafis, 1982, p. 99).